

## Aumenta o número de trabalhadores subutilizados no 1º tri

*Por Bruno Villas Boas*

O mercado de trabalho costuma reagir com certa defasagem ao desempenho da atividade econômica, mas uma série de indicadores do primeiro trimestre deste ano, divulgados ontem pelo IBGE, não deixa dúvida sobre o início de ano mais fraco que o previsto do emprego, segundo avaliam economistas.

Conforme divulgado ontem pelo IBGE, o país tinha 27,7 milhões de trabalhadores subutilizados no primeiro trimestre deste ano, 1,2 milhão a mais do que nos três meses imediatamente anteriores. Trata-se do maior contingente da série da pesquisa, iniciada em 2012. A taxa de subutilização subiu assim de 23,6% para 24,7% no período.

O conceito de subutilização - também conhecido como desemprego ampliado - abrange trabalhadores desempregados, subocupados por insuficiente de horas (trabalham menos de 40 horas semanais, mas gostariam de trabalhar mais) e pela força de trabalho potencial (pessoas que não buscam emprego, mas estão disponíveis para trabalhar).

"Tudo o que acontece no mercado de trabalho é reflexo do cenário econômico, da instabilidade política, da falta de segurança de investidores para aplicar e fazer com que a engrenagem comece a rodar e a gerar postos de trabalho", disse Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE, ao apresentar o resultado da pesquisa.

Dessa força de trabalho desperdiçada, 5,5 milhões de pessoas moravam no Estado de São Paulo e 3,3 milhões no Estado da Bahia. Em proporção ao total de pessoas com 14 anos ou mais de idade, as maiores taxas de subutilização estavam na Bahia (40,5%) e Alagoas (38,2%). No Estado de São Paulo era 21% da população em idade ativa.

Outra medida da piora do mercado de trabalho ano vem das estatísticas de desalento. O país tinha 4,6 milhões de pessoas que não procuravam emprego por entender que não conseguiram obtê-lo, seja por acharem "não ter experiência", ser "muito jovem ou idosa" ou outros fatores. São 278 mil pessoas a mais em relação ao fim de 2017.

Esse aumento do desalento tem relação com a recuperação mais lenta da atividade e da falta de oportunidades de empregos formais, de acordo com Cosmo Donato, economista <sup>1</sup>

# INFORME

da LCA Consultores. "São movimentos que podem, inclusive, ter implicações de longo prazo sobre o mercado de trabalho, com a informalidade e o emprego precário vindo para ficar", disse ele.

Além do avanço da subutilização e do desalento, os indicadores mostraram que o desemprego cresceu no país em todas as faixas etárias no primeiro trimestre, mas foi novamente mais cruel com a parcela jovem da população. O número de desempregados de 14 a 24 anos de idade cresceu para 5,6 milhões de janeiro a fevereiro, 600 mil pessoas a mais em relação ao fim do ano passado (+11,9%).

## Desemprego ampliado

Número de trabalhadores subutilizados - em mil pessoas

### Que número é esse?

Subutilização é um conceito que inclui desempregados, subocupados (pessoas empregadas, mas que gostariam de trabalhar mais horas) e a força de trabalho potencial (pessoas que não buscam emprego, mas estão disponíveis para trabalhar)



Fonte: IBGE

**13,7 milhões**

de pessoas estão desempregadas no país

**4,6 milhões**

é o número de pessoas desalentadas em relação ao emprego

**6,1 milhões**

de trabalhadores estão empregados, mas gostariam de trabalhar mais horas

**5,3 milhões**

de pessoas estão em busca de emprego há um ano ou mais

Como divulgado pelo IBGE no mês passado, a taxa de desemprego no país foi de 13,1% no primeiro trimestre deste ano, 1,3 ponto percentual acima do verificado no fim do ano passado. O indicador piorou porque 1,5 milhão de postos de trabalho foram fechados nos três primeiros meses deste ano. Ontem, o órgão detalhou esse resultado por regiões e outras características.

A taxa de desemprego costuma crescer no início dos anos por fatores típicos do período, com a dispensa de trabalhadores temporários contratados no fim do ano anterior. Os números do primeiro trimestre dividem economistas, porém, em relação até que ponto a piora reflete o comportamento sazonal. Para o Itaú, retirados esses efeitos, o desemprego ficou estável em 12,5%. Para a LCA, cresceu a 12,6%.

# INFORME

Sergio Vale, economista da da MB Associados, está entre os que acreditam que a taxa de desemprego cresceu para além da sazonalidade. Para ele, isso seria coerente com os dados decepcionantes de atividade econômica em fevereiro e março. Ele acrescentou, contudo, que indicadores de emprego formal do Ministério do Trabalho mostram "resultado bem melhores".

"Eu diria que há uma contratação começando a aparecer, mas a palavra que serve para a atividade serve também para o emprego: lentidão. A essa altura esperava-se uma taxa de desemprego um pouco melhor, de fato. Essa expectativa de crescimento bem moderado ao longo do ano também impede uma reação maior do emprego", disse Vale.

Fernando de Holanda Barbosa Filho, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (Ibre/FGV), disse a expectativa é que o emprego formal, com carteira de trabalho assinada, volte a aparecer ao longo do ano. Para ele, os dados mais fracos do primeiro trimestre não significam uma interrupção da recuperação do mercado de trabalho.

"Os números do primeiro trimestre não estão bons, mas comparados há um ano você tem ainda a geração de 1 milhão de vagas", disse Barbosa Filho. "Também não acho que o desalento tenha tido um papel relevante na redução da taxa de desemprego de uma ano para cá, como algumas análises sugeriram".

Um dos indicadores mais preocupantes da pesquisa seria o chamado desemprego de longa duração, disse o pesquisador do Ibre/FGV. Esse grupo é formado por pessoas que buscam emprego há um ano ou mais, de forma ininterrupta. Eram 5,292 milhões de pessoas nessas condições no primeiro trimestre, 5% a mais em relação ao fim do ano passado (5,029 milhões). "São pessoas que terão mais dificuldade de regressar ", disse ele.

## 'Efeito Copa' reduz desemprego no Norte

*Por Ana Conceição e Bruno Villas Boas*

A região Norte do país registrou uma das maiores quedas na taxa de desemprego no primeiro trimestre ante o mesmo período do ano passado, segundo a Pnad Contínua, divulgada ontem pelo IBGE. Também foi a região em que a atividade mais cresceu no período, graças, em parte, ao "efeito Copa", que multiplicou a produção de itens eletrônicos, como TVs. A produção de eletrônicos afeta diretamente a produção da Zona Franca de Manaus, principal polo industrial da região. O crescimento da atividade no período, embora mais fraco que o desejado, ajudou a reduzir a desocupação na maioria das regiões do país.



# INFORME

A taxa de desemprego do Norte caiu 1,5 ponto percentual, de 14,2% para 12,7%, entre o primeiro trimestre do ano passado e o deste ano, diz a Pnad. Já o Índice de Atividade do Banco Central para a região (IBCR-N) cresceu 5,5% no período. Esse desempenho teve influência da produção industrial do Amazonas, que disparou 24,4%, puxada pela alta de 13% na fabricação de eletrônicos - que inclui aparelhos de TV - e de 9% na produção de bebidas. Ainda no Norte, a indústria do Pará cresceu 8,1%, liderada pelo segmento extrativo.

## Desemprego x atividade

Norte lidera crescimento da atividade no 1º trimestre - %

### Taxa de Desemprego



### Evolução IBC-R



Fonte: BC e IBGE; elaboração 4E Consultoria

"O Norte teve, de longe, o melhor desempenho do primeiro trimestre. A indústria do Amazonas foi bem no período com produção de eletrodomésticos e TVs para a Copa", observa Alejandro Padrón, economista da 4E Consultoria, que fez o cálculo dos indicadores regionais de atividade do BC. "Isso permitiu a maior redução de taxa de desemprego entre as grandes regiões".

O Sudeste teve o segundo melhor desempenho de atividade na medição do BC, com alta de 1,2% na mesma comparação. Ali, a taxa de desemprego teve queda tímida, de 0,4 ponto, para 13,8%.

# INFORME

Sul e Centro-Oeste tiveram queda na atividade medida pelo BC, de 0,7% e de 0,4%, respectivamente, no primeiro trimestre ante os primeiros três meses do ano passado. Em ambos os casos, uma base mais alta de comparação foi em parte responsável pelo resultado. Essas regiões, em que o setor agropecuário é forte, tiveram uma super safra no ano passado e foram as únicas a crescer no primeiro trimestre de 2017. Apesar do recuo da atividade em 2018, o desemprego caiu 0,9 ponto e 1,6 ponto percentual, respectivamente. "Pesou favoravelmente no Sul o fato de a força de trabalho ter recuado, o que ajuda na redução da taxa de desemprego", observa Padrón.

O Nordeste, onde a recuperação "é a mais anêmica", nas palavras de Padrón, a atividade cresceu apenas 0,5% sobre o primeiro trimestre do ano passado e o desemprego cedeu 0,4 ponto percentual, para 15,9%, a maior taxa do país.

Embora todas as regiões exibam crescimento econômico e queda do desemprego na comparação com 2017, o economista da 4E ressalta que houve perda ritmo. Os dados dessazonalizados do Banco Central mostram queda da atividade no primeiro trimestre na comparação com o quarto do ano passado em todas elas. "A atividade decepcionou", afirma. O desemprego regional cresceu no primeiro trimestre ante o quarto do ano passado, mas esses dados ainda precisam ser dessazonalizados para que possam ser comparados com os do BC. Em nível nacional, a desocupação subiu de 11,8% para 13,1%, mas quando feita a dessazonalização há certa estabilidade, já que passa de 12,5% para 12,6%.

Ao longo do ano, Sudeste, Sul e Norte devem ter melhor seu desempenho econômico por causa da expectativa de melhora na atividade industrial, setor relevante nessas regiões. Mas será algo muito gradual. A 4E continua a prever aumento de apenas 1,9% para o PIB do país em 2018, estimativa que sempre se situou entre as menores do mercado, que agora parece estar convergindo para valores em volta disso.

O Nordeste deve continuar em dificuldades. "Ceará, Pernambuco e Bahia, que respondem por metade da economia local ainda estão bem devagar", diz Padrón. Ele observa que a queda da construção civil local foi mais forte que no resto do país e o setor ainda não dá mostras de reação. Isso afetou a renda e o emprego, realimentando a fraqueza da atividade. Para completar, os investimentos públicos e privados secaram. "Existe um déficit de infraestrutura muito grande ali. Sem parcerias público-privadas, sem investimento de governo, a região vai demorar para ter taxa de crescimento mais robusta".